

ETHOS E INTERINCOMPREENSÃO NA POLÊMICA POLÍTICO-PARTIDÁRIA

Luis Cláudio Aguiar Gonçalves – UESB/ IC FAPESB;
Edvania Gomes da Silva – UESB;
Maria da Conceição Fonseca-Silva – UESB.

Introdução

Este trabalho está inserido no âmbito do subprojeto “A relação entre ethos e cenografia na constituição do discurso tucano”, vinculado ao projeto de pesquisa “A materialização da polêmica discursiva entre PT e PSDB”, coordenado pela Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva, e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB. O Objetivo deste artigo é verificar a relação entre ethos e interincompreensão no funcionamento da polêmica discursiva estabelecida entre dois posicionamentos, a saber: o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e o Partido dos Trabalhadores (PT). Para tanto, partiremos da análise do *ethos* e do *anti-ethos* de cada um desses posicionamentos, buscando verificar em que medida esse plano de análise relaciona-se com a noção de interincompreensão. Trata-se, portanto, de analisar a relação entre os dois posicionamentos supracitados, priorizando a imbricação entre a imagem de si e a construção de simulacros.

1. Fundamentação Teórica da Pesquisa

O fundamento teórico da pesquisa se baseia nos conceitos desenvolvidos pela Escola Francesa de Análise do Discurso, principalmente nas noções de *ethos* e de polêmica presentes nos trabalhos de Dominique Maingueneau. Esse autor reinterpreta a noção de *ethos*, acrescentando a ela um caráter discursivo. O *ethos* passa a ser relacionado à noção de semântica global. Nesse caso, não é um locutor ou um autor empírico que decide desempenhar um papel de sua escolha em função dos efeitos que pretende produzir sobre seu auditório. É o *posicionamento* no qual o enunciador está inserido que o faz assumir um determinado *modo de enunciação*. Por seu turno, a noção de polêmica se relaciona a duas idéias: a do primado do interdiscurso e da polêmica como interincompreensão. Isso porque a gênese dos discursos, segundo o referido autor, ocorre no interior do interdiscurso, através das relações - de complementaridade ou de polêmica - que os diferentes posicionamentos mantêm entre si, no interior do espaço discursivo em que se constituem.

Partindo do conceito de interdiscurso, temos que o discurso se constitui de forma não isolada, mas sim no interior do interdiscurso, ou seja, inserido no espaço discursivo por ele habitado e habitado por todos outros discursos que com ele mantêm relações constitutivas. É justamente a partir destas relações, de aliança, de repulsa ou ainda de absorção dos diferentes discursos que um dado posicionamento discursivo vai construindo sua identidade, seu lugar de sujeito do/no discurso. Ainda segundo Maingueneau, existe, no interior do interdiscurso, mais precisamente entre discursos opostos que se constituem nesse interior, uma linha limítrofe, não muito definida ao longo de sua extensão: uma espécie de zona opaca, obscura, que seria caracterizada principalmente pela interincompreensão regrada, existente entre os discursos que constituem um espaço discursivo. Essa zona é a responsável por dar forma e identidade aos discursos. Nesse lugar, os discursos não podem haver-se com o seu opositor, compreendendo o seu *outro* da maneira como ele se apresenta, mas apenas com o simulacro que dele constrói. Como assinala Komesu:

Partindo da tese de que o interdiscurso precede o discurso, Maingueneau afirma que o caráter constitutivo da relação entre os discursos faz emergir uma interação polêmica entre os sujeitos, entre os discursos, como um processo de interincompreensão regrada pelas condições de possibilidade das diversas posições enunciativas (KOMESU, 2008, p. 57-58)

Ou ainda como afirma o próprio Maingueneau:

Cada discurso repousa, de fato, sobre um conjunto de semas repartidos em dois registros: de um lado, os semas ‘positivos’, reivindicados; de outro, os semas ‘negativos’, rejeitados. A cada posição discursiva se associa um dispositivo que a faz interpretar os enunciados de seu Outro traduzindo-os nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema. Em outras palavras, esses enunciados do Outro só são ‘compreendidos’ no interior do fechamento semântico do intérprete; para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se com o seu Outro como tal, mas somente como simulacro que constrói dele (MAINGUENEAU, 2005, p. 103)

Assim, de acordo Maingueneau *apud* Komesu, cada discurso possui em sua memória discursiva¹, essa entendida aqui não como sinônimo de interdiscurso, mas sim como um espaço, onde são armazenadas as “lembranças” de uma dada formação discursiva ou um posicionamento discursivo, registros de semas tidos como positivos e outros considerados negativos, sendo classificados a partir da semântica global desses mesmos discursos. Os positivos são reivindicados, como foi dito por Maingueneau, enquanto os negativos são rejeitados pelo discurso *mesmo* e atribuídos ao seu *outro*. Dessa forma, por meio desse processo dúplice de registro de semas, cada discurso “dialoga” com o seu *outro*, mas apenas com os simulacros que dele constrói. Silva (2008, p. 31-32), trabalhando com a questão da polêmica como plano constitutivo, explica com muita clareza como esse processo se desenvolve:

O conceito de polêmica discursiva inscreve-se na noção de interincompreensão. De acordo com essa noção, quando dois discursos partilham de um mesmo espaço discursivo, a relação estabelecida entre eles será sempre polêmica. Assim, toda vez que um determinado discurso está se constituindo, inicia-se a elaboração de uma rede dialógica que atrai para si uma infinidade de outros discursos. Porém, esses discursos Outros são sempre modificados. E essa modificação se dá, muitas vezes, de forma polêmica, ou seja, o discurso-agente – aquele que se encontra na posição de tradutor – apropria-se do discurso paciente – aquele que é traduzido – e (re)interpreta esse último para poder, dentre outras coisas, garantir o seu espaço e desautorizar o discurso Outro. Pois, para construir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que constrói dele (Maingueneau, 1984, p103).

É diante desse envolvimento com *outro*, dessa presença do discurso *outro* no discurso *mesmo*, que Maingueneau retoma a noção de heterogeneidade constitutiva², afirmando que em sua constituição cada discurso é formado de seu *mesmo* e de seu *outro*, através de um processo de afirmação desse *mesmo* (reivindicação de seus semas positivos, construção de seu *ethos*, etc.) e de repulsão do *outro* (rejeição dos semas negativos que lhes são atribuídos e dos simulacros e do *anti-ethos* que dele

¹ A memória discursiva é constituída por tudo aquilo que fica na lembrança de uma dada formação discursiva, ou seja, é tudo aquilo que o seu sistema de restrições semânticas permite que seja lembrado ou não pelos sujeitos de uma FD específica. A memória discursiva é, dessa forma, algo que já está lá, um já-dito, que a semântica global do discurso permite que seja movimentado (lembrado) por seus sujeitos. Isso fica bem claro nas palavras de Orlandi (2007, p. 64-65), quando diz que “o sujeito é assujeitado, pois para falar precisa ser afetado pela língua. Por outro lado, para que suas palavras tenha sentido é preciso que já tenham sentido. Assim é que dizemos que ele é historicamente determinado, pelo interdiscurso, pela memória do dizer: algo fala antes, em outro lugar, independentemente. Palavras já ditas e esquecidas, ao longo do tempo e de nossas experiências de linguagem que, no entanto, nos afetam em seu esquecimento. Assim como a língua é sujeita a falhas, a memória também é constituída pelo esquecimento.” Enfim, como ensina Pêuchex (2007, p. 56): “uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório; é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de deslocamentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos”.

² Para mais detalhes acerca do conceito de heterogeneidade, conferir a vasta obra de Authier-Revuz.

constrói). É em meio a toda essa relação, que cada discurso criará o seu próprio *ethos* e o *anti-ethos* de seu opositor. Pois, segundo Maingueneau, “não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de ‘não compreender’ o sentido dos enunciados do Outro; são duas faces do mesmo fenômeno” (MAINGUENEAU, 2005, p. 103).

Quanto à noção de *ethos*, este corresponde à imagem que o enunciador de um dado discurso cria de si. Contudo, o *ethos* não diz respeito a pessoas empíricas, mas refere-se às posições de sujeito dos diferentes enunciadores.

O processo de criação do *ethos* envolve a articulação de muitos fatores. E é para explicar esse fenômeno que Maingueneau insere o conceito de *tom*. Inicialmente, o referido autor parte da idéia de que cada discurso possui uma *vocalidade específica*, que pode ser verificada na superfície discursiva desses mesmos discursos. Essa *vocalidade específica* seria um modo de enunciar, determinado pela semântica global do discurso, que remeteria a uma maneira de ser, de se posicionar no espaço social. Em um segundo momento, Maingueneau propõe a substituição da expressão *vocalidade específica* pelo termo *tom*, afirmando ser ele mais adequado, uma vez que pode ser associado também a textos escritos. Esse *tom* tem o efeito de criar para os co-enunciadores uma instância subjetiva que tem o papel de validar os enunciados do discurso. Essa instância subjetiva é o fiador do discurso, formado pelo caráter (conjuntos de traços psicológicos) e pela corporalidade (conjunto de traços físicos). A construção do *ethos* envolve a articulação desses três traços: *tom*, *caráter* e *corporalidade*.

Quanto ao *anti-ethos*, trata-se da outra “face da moeda”. É o resultado obtido pela conjugação dos vários simulacros que um discurso cria de seu *outro*, ou seja, é a releitura que *mesmo* faz do *outro*. Ou, como afirma Maingueneau:

Todo enunciado do discurso rejeita um enunciado, atestado ou virtual de seu Outro do espaço discursivo. Quer dizer que esses enunciados têm um “direito” e um “avesso” indissociáveis: deve-se decifrá-los sobre seu “direito” (relacionando-os a sua própria formação discursiva), mas também sobre seu “avesso”, na medida em que estão voltados para a rejeição do discurso do Outro (MAINGUENEAU, 2005, p. 40).

2. Materiais e Métodos

O *corpus* do trabalho é constituído por diferentes formulações que materializam os posicionamentos petista e tucano. Centrar-nos-emos, principalmente, nas campanhas eleitorais de 2008 das cidades de Contagem e Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais, e das cidades de Guarulhos e São Bernardo dos Campos, no Estado de São Paulo.

O método que será aplicado na análise baseia-se no paradigma indiciário, modelo epistemológico atualmente utilizado em muitas pesquisas qualitativas, que emergiu no âmbito das ciências humanas no final do século XIX.

Por fim, antes de iniciarmos as análises, é importante esclarecer que o interesse da pesquisa recai sobre os discursos materializados nos textos e não sobre os textos em si, nem tampouco sobre seus autores empíricos.

3. Resultados e Discussão

As análises revelam que, no processo de interincompreensão gerado na/pela polêmica discursiva estabelecida entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido da Social Democracia Brasileira, nas campanhas eleitorais de 2008, os enunciadores de ambos os posicionamentos utilizam freqüentemente a criação de seu *ethos* e do *anti-ethos* de seu opositor, como forma de polemizar com o seu adversário político, desacreditando-o frente aos eleitores.

O fiador petista busca na ratificação de sua natureza de partido de esquerda, bem como no fortalecimento de sua imagem de representante popular e administrador competente, uma forma de convencer e provocar a adesão dos eleitores (co-enunciadores). O mesmo fiador polemiza em torno do

sema *competência* também para atacar o partido social-democrata, criando o *anti-ethos* do administrador tucano incompetente. Vejamos os excertos abaixo:

Excerto (01)

Esquerda contra direita, justiça contra desigualdades, inclusão contra exclusão, democracia social contra ditadura das elites, Marta contra Kassab – isso se joga no dia 26 em São Paulo (São Paulo: Esquerda contra Direita, retirado de texto publicado originalmente no blog de Emir Sader).

Excerto (02)

O 135 atendem 7 milhões de pessoas todos os meses e utilizam a capacidade ociosa para realizar um serviço inédito nos órgãos públicos: a confirmação do agendamento. Além disso, conseguimos um orçamento extraordinário de R\$ 387 milhões para investir em reforma e construção de agências do INSS, renovação da frota do PrevMóvel e instalação de equipamentos de segurança em todas as unidades do INSS do Brasil (Ex-ministro da Previdência Luis Marinho, candidato à Prefeitura de São Bernardo do Campo, em entrevista concedida ao Vote Brasil no dia 04 de junho de 2008).

No primeiro excerto, o jogo instalado com as oposições materializadas na fala do fiador petista tem a dúplice função de, dentro da semântica global do PT, criar a imagem do que seria/representaria seu governo, construindo o *ethos* petista, e, ao mesmo tempo, “mostrar” como, supostamente, seria a administração tucana, caso os leitores optassem por votar no PSDB (*anti-ethos*). Já no segundo excerto, o uso do adjetivo “*extraordinário*” serve para reforçar a grandiosidade do que seria uma conquista do governo petista, marcada ainda no tempo pela utilização do adjetivo “*inédito*”, de forma a evidenciar que a referida “conquista” é fruto da competência do PT para administrar, já que se trata de algo novo e atual.

Outra forma encontrada pelo enunciador petista, para polemizar com seu adversário político, é relatando os “grandes” feitos de sua administração atual, comparando-os aos realizados por seu antecessor, membro do partido tucano:

Excerto (03)

Só neste ano, de janeiro a agosto, foram criados 1,8 milhão de novos empregos. Mais do que quatro anos do outro governo (Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em Guarulhos - SP, onde falou para cerca de cinco mil pessoas da favela Santo Agostinho, bairro do Taboão, em apoio ao candidato petista à Prefeitura da cidade, Sebastião Almeida).

No enunciado, o fiador demonstra como a administração petista, em apenas um ano incompleto (indicado pela restrição do período de ocorrência dos novos empregos ao mês de janeiro até agosto), conseguiu superar a que lhe antecedeu, levada a frente pelos tucanos. O comparativo, estabelecido pela expressão “*mais do que*”, é utilizado pelo enunciador, para contrapor os dois períodos (um ano incompleto da administração petista aos quatro anos da tucana), ou mais precisamente os resultados das duas administrações, mostrando como a petista foi mais eficiente. Tal comparação tem por efeito reafirmar o *ethos* petista de gestor competente e de reforçar a imagem criada pelo discurso-agente PT do *anti-ethos* do administrador tucano incompetente.

Agora, vejamos como o fiador petista busca, relatando a sua trajetória de vida, fortalecer a imagem de homem do povo:

Excerto (04)

Trabalhar é sagrado. Eu fiquei desempregado em 1965, um ano e quatro meses. É um sofrimento levantar de manhã e procurar o que colocar na mesa, só ter feijão e água. Emprego é sagrado (Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em Guarulhos - SP, onde falou para cerca de cinco mil pessoas da favela Santo Agostinho, bairro do Taboão, em apoio ao candidato petista à Prefeitura da cidade, Sebastião Almeida).

O enunciador do excerto acima, buscando identificar-se com os eleitores (co-enunciadores), pessoas simples e pobres, que vivem em uma favela de Guarulhos, relata como sua vida também já foi difícil, uma vez que, como os co-enunciadores, já esteve desempregado, expondo ainda como já foi pobre, tendo apenas feijão e água para alimentar-se. Procura ainda comover sua platéia, utilizando-se de palavras que carregam diferentes sensações e significados para essa gente, e que de uma forma ou de outra as interpelam: “*sagrado*” e “*sofrimento*”. Toda essa dinâmica tem como efeito reforçar o *ethos* de homem simples e do povo, reivindicado pelo posicionamento petista.

Mais uma vez, verificamos abaixo a (re)construção pelo fiador petista do *ethos* de homem simples, membro do povo:

Excerto (05)

Se olharmos pelo aspecto nacional, o ministério é muito mais importante do que qualquer cidade. Se olharmos do ponto de vista do cidadão, e que é como tomo minhas decisões, como cidadão de São Bernardo, tenho obrigação de olhar para a minha cidade (Ex-ministro da Previdência Luis Marinho, candidato à Prefeitura de São Bernardo do Campo, em entrevista concedida ao Vote Brasil no dia 04 de junho de 2008).

No excerto de número 05, temos a utilização pelo fiador do posicionamento petista de duas frases intercaladas: “*e que é como tomo minhas decisões*” e “*como cidadão de São Bernardo*”. Esse tipo de recurso lingüístico tem o efeito de tornar inquestionável o conteúdo que as frases veiculam. Dessa forma, as afirmações que o candidato faz de ser um cidadão de São Bernardo e de que toma suas decisões, posicionando-se nesse lugar de assujeitamento não podem ser negadas pelo co-enunciador. Este pode até questionar o fato de estar ou não o candidato petista obrigado a olhar para a sua cidade, mas não poderá discutir o fato de o referido candidato ser um cidadão de São Bernardo. Da forma como o fiador petista constrói o enunciado, ele impede que tal questionamento ocorra. Ao mesmo tempo, sem negar a importância do Ministério da Previdência Social, o candidato afirma que não pode deixar de olhar para a sua cidade, como cidadão que é de São Bernardo. Todo esse “jogo” e estratégias instalados pelo fiador têm como efeito corroborar o *ethos* de simplicidade e de administrador das “massas”, reivindicado pelo posicionamento petista.

No próximo excerto, verificamos a forma explícita como o fiador petista constrói, polemizando em torno do sema *competência*, o seu *ethos* e o *anti-ethos* de seu adversário político:

Excerto (06)

Para chegar à presidência do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC é preciso ter muitos predicados, além de garra e capacidade de liderança. Luiz Marinho deixa claro nesta entrevista por que chegou lá. Seguro de suas convicções, ele não só critica o governo (‘incompetente’) de FHC como aponta os caminhos que o trabalhador deve seguir para o país ter um movimento sindical cada vez mais consciente e, por isso, cada vez mais forte (texto em destaque na entrevista concedida pelo candidato à Prefeitura de São Bernardo do Campo, Luiz Marinho, quando era ainda Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, à Edição 57 da Revista Caros Amigos).

De acordo com o enunciador acima, uma administração competente tem como base garra e capacidade de liderança, atributos de alguém que chega à presidência de um sindicato. A falta desses *caracteres*, presentes em um líder sindical, seria, então, a causa da incompetência da administração tucana. Dessa forma, o fiador do discurso petista cria o *ethos* de administrador competente para si, ao mesmo tempo em que constrói o *anti-ethos* de incompetente para o seu adversário.

Por seu turno, a atuação do fiador tucano na materialização da polêmica estabelecida entre PT e PSDB, no período que envolve a campanha eleitoral para prefeito de Contagem, pode ser verificada nos excertos a seguir:

Excerto (07)

Muito obrigado pelo agradecimento e dizer que esse é nosso diferencial na vida pública: o que eu prometo eu cumpro! (UAI Chat Especial de 18 de outubro de 2008, com o candidato à Prefeitura de Contagem pelo PSDB, Ademir Lucas).

Excerto (08)

É uma contradição porque ela promete mudança e, ao mesmo tempo, se alia ao PMDB de Newton Cardoso, que tem as práticas mais atrasadas de nossa política de Contagem. Como, por exemplo, ter prometido não cobrar o IPTU e ter cobrado; ter criado a taxa de lixo; ter fechado as 16 unidades da FUNEC. E é uma aliança que Contagem irá julgar (UAI Chat Especial de 18 de outubro de 2008, com o candidato à Prefeitura de Contagem pelo PSDB, Ademir Lucas).

No sétimo excerto, o fiador do posicionamento tucano, ao afirmar que cumpre com suas promessas e usar tal afirmação para diferenciá-lo dos demais atores da vida pública, cria o pressuposto de que seus opositores não cumprem suas propostas políticas. No oitavo, esse mesmo candidato polemiza explicitamente com seu opositor, apontando as promessas não cumpridas por sua adversária e caracterizando a atuação política da candidata do PT como “contraditória” e as atitudes dos aliados da referida candidata de “atrasadas”. Nesse caso, o enunciador tucano faz uso de adjetivos que, dentro do campo político, mais precisamente numa perspectiva neoliberal, são tidos como semas negativos.

Nos dois próximos excertos, o fiador tucano utiliza-se da criação do *ethos* de competência, para polemizar com seu *outro*. Vejamos o que a leitura e as análises dos excertos indicam:

Excerto (09)

Primeiro, com relação à não cobrança do IPTU residencial, foi uma proposta do nosso governo anterior que prevaleceu neste governo, e demonstrou - na prática - que além de ser produtiva para as famílias terem recursos para outras áreas sociais demonstrou que tb houve um incremento na construção civil, gerando mais empregos e mais tributos em outras áreas. Ou seja, houve uma compensação com o crescimento da oferta de empregos na construção civil e cresceu no ISS das construtoras e tb no ITBI. Então, houve uma compensação. A cidade não perdeu, o que beneficia hoje 140.000 famílias em Contagem. Isso é tão positivo que a própria adversária está prometendo a mesma coisa. Isso prova que nossa atitude valeu a pena! (UAI Chat Especial de 18 de outubro de 2008, com o candidato à Prefeitura de Contagem pelo PSDB, Ademir Lucas).

Excerto (10)

Primeiro, eu acredito em nossa vitória! Segundo, é notório o oportunismo eleitoral do PT, uma vez que sua própria candidata votou contra o projeto de isenção do IPTU na Câmara, quando era vereadora. E não existe no Brasil nenhuma prefeitura do PT que não cobre. Inclusive, em Belo Horizonte recentemente, aumentou em até 15% o IPTU local (UAI Chat Especial de 18 de outubro de 2008, com o candidato à Prefeitura de Contagem pelo PSDB, Ademir Lucas).

O enunciador tucano, o candidato à reeleição Ademir Lucas, respondendo a um internauta, procurar demonstrar a solidez e a eficiência de sua política pública de não cobrar o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbana), enumerando, ao longo do excerto, as várias vantagens obtidas com a sua proposta. Ao afirmar que o referido projeto “foi uma proposta do (...) governo anterior que prevaleceu neste governo”, o enunciador do discurso corrobora o caráter sólido, já que se mantém desde a gestão anterior, e o êxito dessa política, que inclusive teve sua eficiência comprovada “na prática”. Por fim, o fiador do posicionamento polemiza diretamente com seu *outro*, ao afirmar “que a própria candidata adversária está prometendo a mesma coisa”, o que comprova que a “atitude” de seu governo “valeu a pena!”.

Os enunciados presentes no excerto 10 estão relacionados às afirmações contidas no excerto que imediatamente lhe precede (excerto 09). Logo no início, o fiador tucano cria o *ethos* de candidato confiante, ao empregar um *tom* decidido (sugerido pelo uso do ponto de exclamação) na afirmação de que acredita na vitória (“eu acredito em nossa vitória!”). Ao mesmo tempo, ele acusa o partido petista de possuir uma campanha eleitoral oportunista (“é notório o oportunismo eleitoral do PT” - mais uma vez o fiador tucano utiliza-se de frases intercaladas para impedir que surjam questionamentos sobre o

que é afirmado), relatando o fato de que, quando era vereadora, a candidata adversária votou contrariamente ao projeto de isenção do IPTU, e agora, quando o referido projeto rende bons resultados, a candidata o insere nas propostas eleitorais de sua candidatura (excerto 09). Isso evidenciaria, segundo o fiador tucano, o “*oportunismo*” das práticas e propostas políticas do PT, variáveis segundo as variações de seus interesses no “jogo” político e segundo as posições ocupadas por seus membros nesse mesmo “jogo”, se dentro ou fora do poder, se como vereadora, contrária à situação, ou como candidata à Prefeitura de Contagem. O oportunismo petista estaria ainda evidenciado na sensibilidade das opiniões do partido às mudanças na conjuntura política: antes, a candidata do PT mostrava-se contrária ao projeto, pelo simples fato de ser membro do partido oposto ao governo; agora, diante dos bons resultados obtidos, os quais agradam os eleitores, a candidata petista passa a defender a manutenção do referido projeto, apenas como *marketing* eleitoral. Por fim, o fiador tucano diz não ter conhecimento de que exista alguma prefeitura do PT no Brasil que não cobre o IPTU, informando ainda que recentemente a Prefeitura de Belo Horizonte, gerida pelo referido partido, aumentou em 15% o IPTU local. A materialização dessas “notícias” na fala do fiador tucano tem como efeito, mais uma vez, o fortalecimento do *anti-ethos* do político oportunista: aquele que diz uma coisa e faz outra, atribuído ao Partido dos Trabalhadores.

No excerto abaixo, a polêmica discursiva é materializada mediante a resposta que o fiador tucano dá a seguinte pergunta de um internauta: “o *senhor pretende, se for reeleito, estar mais presente nos bairros, junto às associações e à liderança comunitária?*”.

Excerto (11)

Certamente que sim! Temos feito isso neste governo. Inclusive atendendo diretamente às reivindicações de nossas lideranças comunitárias (UAI Chat Especial de 18 de outubro de 2008, com o candidato à Prefeitura de Contagem pelo PSDB, Ademir Lucas).

Na polêmica que envolve os dois posicionamentos *in examen*, o fiador do partido petista, polemizando em torno do *ethos* do político intelectual, reivindicado pelo partido social-democrata, cria, por meio de simulacros, o *anti-ethos* tucano do político elitizado. No excerto 11, verificamos como o fiador do PSDB se defende desse “ataque”, desconstruindo a imagem que lhe é atribuída pelo fiador petista. O candidato tucano não só responde positivamente à pergunta feita pelo internauta, como avigora tal resposta, utilizando-se para isso do advérbio de afirmação “*certamente*”. Além disso, assevera ainda que o seu governo já está “*presente nos bairros, junto às associações e à liderança comunitária*”, “*inclusive atendendo às reivindicações*” dessas “*lideranças comunitárias*”.

Nos dois últimos excertos, o fiador do partido tucano cria o seu próprio *ethos*, o do administrador competente (excertos 12 e 13), ao mesmo tempo em que atribui o *anti-ethos* do político mentiroso ao posicionamento petista.

Excerto (12)

Rodrigo, isso não procede! Contagem é hoje a terceira arrecadação do Estado, logo após Belo Horizonte e Betim. O que ocorreu através de um trabalho que fizemos da atração de novas empresas e indústrias para a nossa cidade, gerando mais empregos e aumentando a arrecadação (UAI Chat Especial de 18 de outubro de 2008, com o candidato à Prefeitura de Contagem pelo PSDB, Ademir Lucas).

Esse enunciado foi construído como resposta à seguinte pergunta: “*Contagem é a cidade que mais deve em toda Minas Gerais. Eu gostaria de saber como a cidade chegou a tal situação?*” Inicialmente, o fiador tucano nega a procedência da afirmação feita na pergunta, colocando Contagem como a terceira maior arrecadação do Estado de Minas Gerais. Depois, atribui a posição ocupada pela referida cidade ao trabalho de sua gestão (“*o que ocorreu através de um trabalho que fizemos da atração de novas empresas e indústrias para a nossa cidade*”). Dessa forma, o fiador tucano reforça o *ethos* de competência, reivindicado pelo posicionamento por ele defendido.

Excerto (13)

Primeiro que agradecer pelo reconhecimento do nosso trabalho. O eleitor de Contagem irá escolher pelo trabalho, pela melhoria da qualidade de vida e não irá acreditar em

informações falsas que estão sendo divulgadas (UAI Chat Especial de 18 de outubro de 2008, com o candidato à Prefeitura de Contagem pelo PSDB, Ademir Lucas).

Diante do internauta que parabeniza a “*excelente administração à frente de Contagem*”, o fiador do discurso tucano, e candidato à reeleição, agradece ao participante do *chat* pelo reconhecimento do trabalho realizado por sua gestão. Posteriormente, passa a indicar, demonstrando confiança e determinação, ao empregar um *tom* afirmativo em seus enunciados (materializado no uso da locução verbal, no futuro do presente do indicativo, “*irá escolher*”, no enunciado “*irá escolher pelo trabalho, pela melhoria da qualidade de vida*”, bem como na utilização do advérbio de negação “*não*” com a locução verbal “*irá acreditar*”, no enunciado “*não irá acreditar em informações falsas que estão sendo divulgadas*”), quais as escolhas serão feitas pelo eleitor de Contagem no momento de votar: “*irá escolher pelo trabalho, pela melhoria da qualidade de vida*”, ou seja, irá escolher as propostas que, segundo o candidato tucano, fazem parte da atuação política de seu governo, e o que esse mesmo eleitor não irá fazer: “*não irá acreditar em informações falsas que estão sendo divulgadas*”, supostamente pelos adversários políticos petistas. Com isso, o fiador tucano (re)constrói o seu próprio *ethos* de gestor competente, reivindicado por ambos os posicionamentos, e o *anti-ethos* de político mentiroso, atribuindo-o ao partido petista.

A escolha do léxico e dos vocativos, os *tons* empregados pelos enunciadores dos posicionamentos examinados, bem como o uso de outros recursos lingüísticos e extralingüísticos (estes últimos não analisados neste trabalho, devido ao espaço), são usados para reforçar, por um lado, o caráter e a corporalidade de seus fiadores (traços que constituem o *ethos*); enquanto, a construção de simulacros tem o papel de criar o *anti-ethos* de seu adversário. Esse duplo fenômeno, como defende Maingueneau (2005), dar-se quase sempre simultaneamente, auxiliando o enunciador a “agir” segundo as restrições impostas pela semântica global do discurso do qual esse enunciador/fiador é sujeito.

Considerações Finais

Os resultados permitem concluir que o posicionamento petista busca criar, por um lado, a imagem do administrador competente e do homem do povo, e, por outro, o *anti-ethos* do político incompetente e elitizado, para caracterizar seus opositores. Já os tucanos buscam nas suas formações acadêmicas a justificativa para serem eles os escolhidos pelos eleitores, por serem os mais instruídos e, por isso mesmo, os mais competentes para administrar (construção do *ethos*), e, na alegada falta de ética e de honestidade dos petistas (o *anti-ethos* criado pelo fiador tucano), a causa da má atuação e da incompetência administrativa do PT, aliada, é claro, a suposta falta de instrução de seus membros. Assim sendo, as análises indicam que é a partir da interincompreensão regrada, existente entre discursos opositores, pois esta funciona como um traço da semântica global de cada posicionamento, que os fiadores buscam os elementos capazes de individualizar o lugar de sujeito que habitam.

Referências

- KOMESU, F. “Num sabi neim iscreve i fik disfarssandu”: a *polêmica como interincompreensão* em comentários sobre “internetês”. In: **Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise do discurso do Brasil**. Orgs. Sírio Possenti e Roberto Leiser Baronas. São Paulo, Pedro e João Editores, 2008.
- LARA, G. M. P. Aplicando alguns conceitos de Gênese dos discursos. In: **Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise do discurso do Brasil**. Orgs. Sírio Possenti e Roberto Leiser Baronas. São Paulo, Pedro e João Editores, 2008.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. Curitiba, Criar Edições, 2005.
- _____. *Ethos, cenografia e incorporação*. In: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso**. Trad. Dilson F. da Cruz; Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo, Contexto, 2005.
- MIQUELETTI, F. **Discurso, tom e caráter: uma análise do ethos tucano**. (Dissertação de Mestrado). Campinas, Unicamp, 2002.

- ORLANDI, E. Maio de 1968: Os Silêncios da Memória. In: **Papel da memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes. São Paulo, Pontes, 2007. p. 59-71.
- PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: **Papel da memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes. São Paulo, Pontes, 2007. p. 49-57.
- RAQUEL MOTTA, Ana. et al. **Ethos discursivo**. Org. Ana Raquel Motta e Luciana Salgado. São Paulo, Contexto, 2008.
- SILVA, E. G. da. **A materialização da polêmica discursiva nas eleições presidenciais de 2006**. Projeto de Pesquisa inscrito na Pró-reitoria da Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), agosto/2006.
- _____. Competência discursiva e polêmica na constituição do discurso religioso. In: **Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise do discurso do Brasil**. Orgs. Sírio Possenti e Roberto Leiser Baronas. São Paulo, Pedro e João Editores, 2008.
- CAROSAMIGOS. TERRA.COM. Da revista. Edições anteriores. Edição 57. Entrevista. **O ABC do trabalhador**. Disponível em: <http://carosamigos.terra.com.br/da_revista/edicoes/ed57/entrevista.asp>. Acesso em: 18 de outubro de 2008, 11:09:00;
- JOTA7.COM. Editoriais. Política. Leia Mais. Ver Lista Completa. **Marinho, o homem que mudou a cara da Previdência, enfrenta novo desafio**, (05/06/2008). Disponível em: <http://www.jota7.com/politica/0756/marinho_o_homem_que_mudou_a_cara_da_previdencia_enfrenta_novo_desafio.html>. Acesso em: 18 de outubro de 2008, 11:08:30;
- PT.ORG. + Artigos. Página 4. **São Paulo: Esquerda contra direita (Emir Sader)** (14/10/2008). Disponível em: <http://www.pt.org.br/portalpt/index.php?option=com_content&task=view&id=71522&Itemid=201>. Acesso em: 18 de outubro de 2008, 11:10:20;
- TERRA.COM. Eleições 2008. Últimas Notícias. Mais Notícias. **Guarulhos: Lula faz campanha e destaca geração de empregos**, (27/09/2008). Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/eleicoes/2008/interna/0,,OI3214839-EI11879,00-Guarulhos+Lula+faz+campanha+e+destaca+geracao+de+empregos.html>>. Acesso em: 18 de outubro de 2008, 11:04:00;
- UAI.COM. Divirta-se. Chat. Uai Chat. Destaques. **Chat com o candidato à Prefeitura de Contagem pelo PSDB, Ademir Lucas**, (18/10/2008). Disponível em: <http://www.uai.com.br/chat/logs/log_ademirlucas.htm>. Acesso em: 18 de outubro de 2008, 11:00:45.